

Dossiê: Zygmunt Bauman e a Educação


**Sobre cultura, educação e as transformações atuais:
uma entrevista com Zygmunt Bauman**

**On culture, education, and contemporary transformations:
an interview with Zygmunt Bauman**

**Sobre cultura, educación y las transformaciones actuales:
una entrevista con Zygmunt Bauman**

Zygmunt Bauman*

João Nicodemos Martins Mânfió**

 <https://orcid.org/0009-0008-7687-1298>

Resumo: Este artigo apresenta uma entrevista inédita realizada com Zygmunt Bauman em 2015, em sua residência na cidade de Leeds, no Reino Unido. O diálogo aborda as relações entre cultura, educação e as transformações sociais da modernidade líquida, revelando um pensador atento às incertezas do presente, mas ainda confiante na capacidade humana de reinventar-se. Bauman reflete sobre a dissolução das fronteiras culturais, o impacto da globalização na formação das identidades e os desafios enfrentados pela educação diante da fluidez econômica e simbólica contemporânea. Ele argumenta que a cultura, antes concebida como um sistema estável, tornou-se um fluxo de influências globais, e que a educação, cada vez mais submetida à lógica do mercado, corre o risco de perder sua dimensão ética e emancipadora. A entrevista também discute a fragmentação do conhecimento e o enfraquecimento do Estado social como sintomas de uma sociedade em busca de direção. Ao unir teoria e experiência, o texto evidencia a relevância do pensamento de Bauman para compreender os dilemas educacionais do nosso tempo e convida o leitor a repensar a educação como espaço de resistência e esperança em meio à liquidez contemporânea.

Palavras-chave: Cultura. Educação. Modernidade líquida. Globalização. Zygmunt Bauman.

Abstract: This article presents an unpublished interview conducted with Zygmunt Bauman in 2015 at his home in Leeds, United Kingdom. The conversation explores the relationships between culture, education, and the social transformations of liquid modernity, revealing a thinker attentive to the uncertainties of the present yet still confident in humanity's ability to reinvent itself. Bauman reflects on the dissolution of cultural boundaries, the impact of globalization on identity formation, and the challenges faced by education

* Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um sociólogo polonês-britânico, reconhecido por suas contribuições à teoria social contemporânea. Professor emérito das universidades de Leeds (Reino Unido) e de Varsóvia (Polônia), notabilizou-se pelo conceito de modernidade líquida, por meio do qual analisou os efeitos da globalização, do consumismo e da fragilidade dos laços humanos nas sociedades contemporâneas.

** Doutor em Ciências Sociais – Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor no Centro Universitário Sociesc (UniSociesc), Joinville, Santa Catarina. E-mail: <jnmmanfió@gmail.com>.

in the context of contemporary economic and symbolic fluidity. He argues that culture, once conceived as a stable system, has become a flow of global influences, and that education, increasingly subjected to market logic, risks losing its ethical and emancipatory dimensions. The interview also addresses the fragmentation of knowledge and the weakening of the welfare state as symptoms of a society searching for direction. By bringing together theory and lived experience, the text highlights the continuing relevance of Bauman's thought for understanding today's educational dilemmas and invites readers to rethink education as a space of resistance and hope amid contemporary liquidity.

Keywords: Culture. Education. Liquid modernity. Globalization. Zygmunt Bauman.

Resumen: Este artículo presenta una entrevista inédita realizada a Zygmunt Bauman en 2015, en su residencia en la ciudad de Leeds, Reino Unido. El diálogo aborda las relaciones entre cultura, educación y las transformaciones sociales de la modernidad líquida, revelando a un pensador atento a las incertidumbres del presente, pero aún confiado en la capacidad humana de reinventarse. Bauman reflexiona sobre la disolución de las fronteras culturales, el impacto de la globalización en la formación de las identidades y los desafíos que enfrenta la educación ante la fluidez económica y simbólica contemporánea. Argumenta que la cultura, antes concebida como un sistema estable, se ha convertido en un flujo de influencias globales, y que la educación, cada vez más sometida a la lógica del mercado, corre el riesgo de perder su dimensión ética y emancipadora. La entrevista también discute la fragmentación del conocimiento y el debilitamiento del Estado social como síntomas de una sociedad en busca de dirección. Al unir teoría y experiencia, el texto pone de relieve la relevancia del pensamiento de Bauman para comprender los dilemas educativos de nuestro tiempo e invita al lector a repensar la educación como un espacio de resistencia y esperanza en medio de la liquidez contemporánea.

Palabras clave: Cultura. Educación. Modernidad líquida. Globalización. Zygmunt Bauman.

Introdução

Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um dos maiores pensadores da sociedade contemporânea, deixando um legado que abrange reflexões sobre modernidade, cultura e educação. Suas obras, como *Ensaio sobre o conceito de cultura* (Bauman, 2012) e *A cultura no mundo líquido moderno* (Bauman, 2013), são marcos na compreensão das transformações culturais e sociais. Embora sua produção diretamente voltada à educação seja escassa, suas ideias oferecem *insights* profundos para esse campo, principalmente por meio da crítica à cultura contemporânea e à modernidade líquida.

Foi em uma manhã fria e nublada de novembro de 2015, em Leeds, na Inglaterra, que esta conversa aconteceu. Era a segunda vez que eu o visitava e, ao me receber, Bauman sorriu e comentou que teria de se ausentar de vez em quando para “olhar as panelas”, pois estava preparando um pato para o nosso almoço. Levei-lhe fumo brasileiro – ele era um admirador de cachimbos – e, assim que abriu o pacote, preparou-se para a primeira tragada, que veio acompanhada de um suspiro satisfeito e da breve observação: “*Very nice*”.

Em sua casa repleta de livros – alguns empilhados até mesmo pelo chão –, cadernos e anotações, encontrei um Bauman de idade avançada, mas de olhar vivo e fala precisa. Entre xícaras de chá e longas pausas, o diálogo se desenrolou com a serenidade de quem pensa o mundo enquanto o vive. Ele interrompeu a conversa por duas vezes para conferir o almoço na cozinha, sempre voltando com um novo comentário ou lembrança. Ao longo do nosso papo, estavam presentes sua esposa, Aleksandra Jasińska-Kania, e minha irmã, que também vive na Inglaterra e me acompanhou na visita.

A entrevista que se segue nasceu desse encontro e do desejo de compreender como Bauman relacionava cultura, educação e as transformações de um tempo em que tudo parece escorrer por entre os dedos – um tempo digital, acelerado e incerto. A interseção entre cultura e educação está no cerne de muitos dos desafios enfrentados pelas sociedades contemporâneas. Zygmunt Bauman,

um dos mais influentes pensadores do nosso tempo, trouxe à tona reflexões profundas sobre como essas dimensões se transformam diante da modernidade líquida. Esse conceito, que atravessa toda a sua obra, descreve uma realidade em que nada parece manter-se sólido por muito tempo: vínculos, valores, instituições e até mesmo identidades estão em permanente reconstrução.

Nesse contexto, a educação, antes vista como um meio de transmissão de valores estáveis e preservação cultural, encontra-se em uma encruzilhada. Como preparar indivíduos para uma realidade marcada pela instabilidade e pela fragmentação? Como conciliar o papel tradicional da educação com as demandas de uma sociedade globalizada e digitalizada? Essas são algumas das questões abordadas por Bauman, que, mesmo não tendo produzido extensivamente sobre o tema da educação, oferece *insights* valiosos a partir de suas análises culturais.

Durante a entrevista, Bauman explorou o impacto das transformações culturais nas práticas educacionais, destacando como a cultura contemporânea deixou de ser um sistema fechado e estático para se tornar uma coleção de sugestões, tentações e escolhas globais. Ele chamou atenção para a tensão entre a necessidade de adaptação às novas demandas e a preservação de valores humanos essenciais, como a empatia e o pensamento crítico.

Mais do que uma conversa acadêmica, o encontro revelou o pensador em sua dimensão mais humana – atento às incertezas do presente, mas ainda confiante na capacidade da educação de cultivar responsabilidade, solidariedade e imaginação moral. Essas eram, para ele, virtudes urgentes em um mundo cada vez mais líquido, onde tudo muda rápido demais e quase nada permanece.

A entrevista também percorre o tema da globalização e seu impacto nas identidades contemporâneas. Em um mundo hiperconectado, onde as fronteiras culturais se tornam porosas, novas formas de pertencimento se constroem – e, com elas, emergem também riscos de superficialidade e homogeneização. Bauman argumenta que a educação deve ser, acima de tudo, um espaço de resistência crítica, capaz de fortalecer a autonomia dos sujeitos diante dessas influências.

Nas páginas seguintes, o leitor encontrará um diálogo que entrelaça teoria e experiência, pensamento e presença. As perguntas e as respostas não apenas iluminam as ideias centrais de Zygmunt Bauman, mas convidam à reflexão sobre o papel da educação e da cultura na construção de um futuro mais humano e consciente. Talvez, como diria o próprio Bauman, a tarefa do pensamento – e, também, da educação – seja justamente esta: dar forma ao que é fugidio, sem trair sua fluidez.

A seguir, apresento a entrevista realizada com Zygmunt Bauman em Leeds, no Reino Unido, em novembro de 2015.¹ O conteúdo foi organizado no formato de perguntas e respostas, preservando o caráter dialógico da conversa. As questões orientam-se pelos eixos temáticos da cultura, da educação e das transformações sociais na modernidade líquida.

A entrevista

J.M.: *Quais foram as principais mudanças na análise sobre a cultura entre seu livro “Ensaio sobre o conceito de cultura” (2012) e “A cultura no mundo líquido moderno” (2013)?*

Z. B.: Sabe, quando eu tinha sua idade, ou era até mais novo que você, aprendi sobre cultura com um professor. A visão generalista de cultura era a de um sistema – um sistema que significava que

¹ *Link* da entrevista no *YouTube*: <https://www.youtube.com/watch?v=Ed51SO4zmqw>. Acesso em: 27 out. 2025.

cada agregado de uma população, seja um grupo étnico ou religioso, vivia em conjunto, compartilhando experiências e outras coisas mais, formando uma cultura diferenciada. Cada cultura cuidava de si e era autossuficiente. Era um local de vivência, onde se controlava a forma de vida e se organizavam comportamentos, entre outras coisas.

Não sei se essa ideia esteve certa em algum momento, vendo retrospectivamente, mas certamente é incorreta nos dias de hoje. Atualmente, cultura envolve elementos como informações, padrões globais e até práticas ilícitas, como o tráfico de armas e a criminalidade. São todos itens globalizados. A ideia de cultura autossuficiente é tão incorreta quanto dizer que um país como o Brasil é economicamente autônomo. Hoje, mais da metade do que consumimos vem de outros países. Em resumo, a cultura deixou de ser um conjunto estável de normas e se transformou em uma coleção de sugestões e tentações às quais as pessoas escolhem aderir ou não.

J.M.: *Como essas mudanças impactam a compreensão da cultura na sociedade contemporânea?*

Z. B.: Vivemos em um mundo onde estamos constantemente expostos a influências externas. Por exemplo, em Curitiba, você pode observar o que seus vizinhos fazem e moldar sua identidade em relação a isso, mas também pode se sentar em frente ao computador e ter acesso a formas de vida completamente diferentes. Você vê padrões de consumo, modos de vestir e valores que são supranacionais. Essa exposição global redefine a forma como compreendemos a cultura, que hoje é menos um sistema fechado e mais um fluxo contínuo de propostas e atrações.

Ulrich Beck, o grande filósofo alemão, escreveu *A God of One's Own*², em que argumenta que a religião se tornou uma escolha pessoal. O mesmo ocorre com a cultura: construímos nossas identidades a partir de uma ampla gama de opções globais. Essa é a principal diferença entre a cultura contemporânea e aquela de há cem anos. Antes, as culturas estavam enraizadas em nações; hoje, estão inseridas em um contexto global fluido e dinâmico, no qual a mudança é a norma e a preservação de padrões rígidos é praticamente impossível.

O papel da cultura mudou drasticamente. Antes, era uma força conservadora, como um giroscópio em um navio, mantendo o equilíbrio apesar das ondas. Hoje, a cultura promove a mudança constante. Durante minha juventude, a estabilidade era considerada o estado natural das coisas, e mudanças precisavam ser explicadas. Agora, é a continuidade que exige explicações. Essa transformação redefine nosso entendimento da cultura e de seu papel na sociedade atual.

J.M.: *Quais autores clássicos influenciaram e ainda influenciam sua leitura sobre o tema?*

Z. B.: Dos clássicos da teoria social, como você provavelmente sabe, o que eu mais aprecio é Georg Simmel³. Simmel é, inclusive, leitura obrigatória para estudantes de sociologia. Eu tento – eu jamais conseguirei equiparar Simmel –, mas tento fazer o trabalho da sociologia como ele o fez. Claro, ele morreu em 1921; não viu o que chegava com o século XX. Muito mudou no século XX.

No entanto, você mencionou que ele não pôde prever a chegada da sociedade dos consumidores, a individualização, a dissipação dos agregados e coisas do tipo, assim como a atomização da sociedade. Todos esses fenômenos da atualidade não existiam em seu trabalho. Mas eu penso: se ele fosse vivo, o que diria sobre isso? Talvez ele falasse sobre, talvez não. Eu não posso garantir isso, mas acredito que esse seria seu desejo.

² A tradução para língua portuguesa da obra foi intitulada como *O Deus de cada um: a capacidade das religiões de promover a paz e o seu potencial de violência* (Beck, 2016).

³ Para uma biografia detalhada de Georg Simmel, recomenda-se a obra de Rammstedt (1992).

J. M.: *Como outros pensadores e correntes sociológicas complementam sua visão sobre cultura?*

Z. B.: Já sobre estudantes de cultura, eu gosto – como definir isso? – praticamente de tudo que leio está, de alguma forma, relacionado à dinâmica cultural da atualidade. Como você sabe, Jeffrey Alexander (2023) criou uma forma de sociologia, a sociologia cultural. Mas eu não faço parte desse grupo.

Não se trata tanto das perguntas “que autores?” ou “quais nomes?”, mas de “como você os lê?” e “o que você absorve deles?”. Eu não consigo me lembrar de um caso de um autor cujo trabalho inteiro e completo eu endossaria integralmente.

Durante a revisão da minha abordagem sobre cultura, Claude Lévi-Strauss (1970), com seu “Estruturalismo Cultural”, causou impacto decisivo em mim ao trocar a ideia de estrutura ideal pela de estruturação – algo mais dinâmico e comportamental. Nessa época, também me deparei com *A construção social da realidade*, de Berger e Luckmann (2017), um livro importante para pensar as instituições.

Além disso, Antonio Gramsci (1999), o filósofo italiano, é outra influência extremamente importante para mim. Ele moldou profundamente minha forma de compreender a interseção entre cultura e poder. É isso o que posso compartilhar sobre essas influências.

J. M.: *Qual é a relação histórica entre cultura e educação?*

Z. B.: Quando a educação ideal foi inventada, na Grécia Antiga, havia o conceito de *Paideia*. Na linguagem da época, *Paideia* era a ideia de moldar o ser humano conforme um modelo fixo e permanente de boa pessoa, chamado *kalokagathia*, que unia beleza, bondade e verdade⁴. Sócrates, como você sabe, foi uma figura central nesse processo, ao articular ideais de mentalidade e postura. Naquela época, a educação visava impor esse padrão aos humanos, promovendo valores considerados as bases da existência.

Esse modelo clássico, no entanto, foi sendo esquecido ao longo do tempo. Hoje, ministros e especialistas defendem que a educação deve atender às demandas imediatas do mercado de trabalho, fornecendo mão de obra altamente qualificada. Essa perspectiva utilitarista reduz a educação a um mecanismo de adaptação ao mercado, o que limita sua capacidade de transformar indivíduos e sociedades.

J. M.: *Como a educação contemporânea reflete as transformações culturais da modernidade líquida?*

Z. B.: A educação atual se assemelha muito à cultura contemporânea. Ambas são reativas, mudam rapidamente e estão sujeitas às modas de curto prazo. Quando eu ensinava na universidade, percebia que os alunos escolhiam seus cursos com base nas demandas do mercado de trabalho, esperando obter uma boa posição ao final de seus estudos. No entanto, vivemos em um mundo que muda tão rapidamente que, muitas vezes, antes mesmo de concluírem seus diplomas, o estado do mercado já havia se transformado.

Se a educação não se concentra em desenvolver valores duradouros e personalidades resilientes, mas apenas em preparar para empregos específicos, ela perde sua essência transformadora. O papel da educação deveria ser um investimento no futuro da humanidade, não apenas uma resposta às demandas imediatas. Precisamos repensar como cultura e educação podem colaborar para formar indivíduos preparados para um mundo em constante mudança.

⁴ Uma referência ao tema, Grécia antiga, pode ser encontrada na obra de Werner Jaeger (2001).

J. M.: *Como você analisa a crescente fragmentação e especialização no campo do conhecimento?*

Z. B.: Eu recordo que, há quarenta ou cinquenta anos, li um artigo intitulado *Só um grito de desespero*, de um professor muito renomado. Ele mencionava o surgimento de um novo ramo da ciência chamado “coagulologia”. Dois anos após sua criação, já existiam tantas publicações sobre o tema que os pesquisadores precisavam escolher entre conduzir suas próprias pesquisas ou ler o que os outros haviam produzido. Isso ilustra como a especialização pode levar ao isolamento dentro do próprio campo.

Nas universidades, frequentemente o que é feito em um andar não é conhecido pelas pessoas que ocupam outro andar. Pesquisadores se encontram para tomar café, mas raramente leem os trabalhos uns dos outros. Continuamos aprendendo mais sobre áreas específicas, mas isso ocorre às custas de uma visão mais ampla. Embora existam iniciativas de pesquisa interdisciplinar, essas colaborações frequentemente resultam na criação de novos campos, perpetuando o ciclo de fragmentação. Assim, o conhecimento se torna cada vez mais compartimentado, refletindo as dinâmicas sociais de especialização extrema.

J. M.: *Qual é o impacto da mercantilização da educação na sociedade atual?*

Z. B.: A mercantilização da educação é um fenômeno alarmante. Historicamente, a educação era vista como um meio de mobilidade social e promoção da igualdade de oportunidades. A meritocracia, idealmente, era um sistema em que indivíduos talentosos poderiam ascender socialmente com base em suas capacidades. No entanto, o que vemos hoje é que a educação se tornou um mecanismo de reprodução de desigualdades. Como Pierre Bourdieu aponta, a educação perpetua privilégios e privações em vez de mitigá-los.

Um exemplo claro é o caso da Universidade de Berkeley, que há trinta anos era gratuita para residentes da Califórnia. Hoje, após décadas de neoliberalismo, o custo anual ultrapassa cinquenta mil dólares, tornando o acesso praticamente impossível para grande parte da população. Isso é uma distorção do conceito de meritocracia, em que as melhores oportunidades são reservadas àqueles que já pertencem às classes privilegiadas.

J. M.: *Quais são as consequências da dívida estudantil no acesso à Educação Superior?*

Z. B.: Na Grã-Bretanha, por exemplo, o aumento das taxas universitárias resultou em uma dívida esmagadora para os estudantes. Muitos acumulam mais de cinquenta mil libras ao terminar seus estudos. Isso desestimula famílias da classe trabalhadora a incentivarem seus filhos a ingressarem na universidade, criando uma barreira psicológica e financeira ao acesso à Educação Superior.

Pegue a Grã-Bretanha, por exemplo: o governo anterior, conservador, com a Escócia, no fundamento da educação, adicionou noventa mil libras como taxa, que deve ser paga pelos estudantes universitários. Ao mesmo tempo, isso permite o que parece ser a abolição dos estudantes pobres – aqueles que vêm de famílias pobres. Isso significa que, se o acadêmico quer ajuda para conseguir estudar, ele precisa pegar empréstimos. Empréstimos!

A consequência disso é a exclusão de uma grande parte da população da hierarquia educacional. Apenas os filhos das elites conseguem acessar instituições de ensino de alta qualidade. Essa dinâmica não apenas reforça desigualdades sociais, mas também limita o potencial da sociedade como um todo, ao excluir talentos que poderiam contribuir significativamente se tivessem acesso às mesmas oportunidades.

J. M.: *A quem serve a educação no contexto atual?*

Z. B.: A educação, idealmente, deveria servir a todos os membros da sociedade, garantindo igualdade de oportunidades e permitindo que cada indivíduo alcance seu pleno potencial. No entanto, no contexto atual, ela muitas vezes se tornou uma ferramenta que reproduz desigualdades sociais. Em vez de oferecer recursos básicos para que todos explorem suas habilidades e oportunidades, o sistema educacional frequentemente favorece as classes mais privilegiadas, transformando o conhecimento em um produto ao alcance de poucos.

A ideia é de um Estado assistencialista – que eu chamaria de Estado social, pois acho que é uma ideia mais focada. No Estado social, o Estado tem obrigações sociais. Qual é a primeira obrigação do Estado? Dar segurança a todo membro da sociedade contra azares e derrotas. Quando você vive em uma sociedade livre, você assume o risco. Pode hesitar, pode ser malsucedido. Você não pode ser livre sem aceitar os riscos.

Isso é inevitável. Mas o projeto de uma sociedade assistencialista, na Inglaterra, foi preparado por uma comissão especial sob os cuidados de Lord Beveridge⁵. Ele não era socialista, muito menos comunista, mas se declarava liberal. Era membro do grupo liberal. Ele dizia que a ideia de liberalismo é a ideia da liberdade individual – de estar sobre seus próprios pés, de se autoafirmar, autodefinir e assim por diante.

O Estado assistencialista é a reunião, conclusão necessária, da visão liberalista, simplesmente porque, para conseguir fazer uso de nossa liberdade, de realmente seguir a ideia de autoafirmação, precisamos de recursos. Isso vem livre de taxas.

J. M.: *Qual é o papel do Estado em relação à educação e à igualdade de oportunidades?*

Z. B.: O Estado tem a responsabilidade de garantir que a educação seja acessível e de qualidade para todos. No entanto, com a transformação das estruturas econômicas e sociais, o papel do Estado tem sido cada vez mais reduzido, deixando muitos sem acesso aos recursos necessários para desenvolver suas capacidades. Isso representa um retrocesso em relação ao ideal de igualdade de oportunidades, substituindo a noção de obrigação social por uma abordagem caritativa, que marginaliza os mais vulneráveis.

Você deve ter a capacidade de investir em sua educação, em livros, de expandir seus horizontes. Portanto, o dever social do Estado é providenciar a todos esses recursos fundamentais, leituras elementares, que são necessárias para permitir a reexploração de suas habilidades e oportunidades, que estão dentro de você. Ele considerava isso uma ideia liberal – não socialista nem comunista, mas liberal.

Em determinada época, o poder do Estado era medido por sua força de mão de obra e pelo volume potencial de recrutas para o exército. Todos queriam ir para o exército; era o dever universal de servir a ele. Não se tratava de um exército de profissionais, de bons negócios, onde se contrata; era o dever geral. Por causa disso, o desemprego era considerado uma catástrofe. As pessoas são capazes – possuem mãos capazes, corpos capazes –, mas não são usadas. É um desperdício. Elas são, afinal, um exército de reserva de trabalho. E qualquer general do exército diria que os reservas, que podem a qualquer momento ser chamados para o serviço militar, devem ser mantidos em boa forma, em função de estar prontos para lutar. Então, mesmo com o

⁵ Para saber mais a respeito de Lorde Beveridge, consulte: <https://www.britannica.com/money/William-Beveridge>. Acesso em: 27 out. 2025.

desemprego e com pessoas desempregadas, o Estado ainda deve prepará-las para o momento em que serão chamadas à atividade.

Elas devem estar saudáveis, bem alimentadas, bem vestidas, com boas condições sanitárias para viver. Precisam de um teto sobre suas cabeças e assim por diante. Mas isso não é mais o caso. O exército não mais prepara recrutas em massa. Pelo contrário, isso é um fardo. Um *drone* causa mais danos e prejuízos do que toda uma divisão de recrutas. Então, isso está fora de questão.

As pessoas desempregadas agora são nomeadas, redundantemente, de não úteis e desnecessárias. Elas não são mais merecedoras de trabalho, pois o banco de mão de obra está em Bangladesh, na África do Sul e em outros lugares muito mais convenientes, já que eles não necessitam de salários exorbitantes. Eles estão preparados para trabalhar por dois dólares ao dia. Eles não estão no exército, então qual o motivo de ligarmos para eles?

Portanto, o que você estava dizendo em sua pergunta. Eles estão dizendo em seus comunicados que é caridade o que damos para eles. Não aconteceria, em 1950 ou 1960, com ninguém, de chamar isso de caridade. Era uma obrigação, sabe!? Claro, eles são os soldados de amanhã, os trabalhadores do futuro. A forma de lidar é mantê-los em plena força, caso sua terra natal necessite deles. Não mais. A nação não precisa mais deles. Eles são um fardo.

O negócio está muito bem sem eles, obrigado. A sociedade seria mais rica se eles desaparecessem, se achassem outro caminho. Isso foi o que mudou. E eles começaram de forma errada com isso, pois acabou se tornando uma certa política descontrolada, de uma maneira não supervisionada. Simplesmente emergiu assim.

O resultado de tudo isso é que, por 1950, 1960 e até 1970, surgiu a pergunta sobre se o Estado social era necessário e que deveria ser mantido em forma. Anthony Giddens (2005) disse para “além da esquerda ou direita”, e todo mundo se irritava. Os negócios concordavam, pois queriam mão de obra qualificada e dependiam dela de forma local, já que não podiam se mover até Bangladesh e, claro, não concordavam com a ideia da esquerda, na qual todos deveriam ter a mesma chance de conseguir coisas boas.

J. M.: *Repetindo a pergunta de Keith Tester em “Bauman sobre Bauman” (Bauman; Tester, 2011) qual seria o livro escolhido por você para levar a uma ilha deserta? Por quê?*

Z. B.: Sim, lembro-me dessa pergunta, e confesso que minha resposta surpreendeu muitos. O livro que escolheria seria de Jorge Luis Borges.⁶ Borges me forneceu mais do que todos os outros autores juntos. Sua escrita é um universo em si, repleto de labirintos e reflexões sobre o infinito, o que, para mim, é inesgotável. A força de suas palavras vai além da literatura; elas encapsulam uma visão profunda sobre a condição humana e suas complexidades.

Além de Borges, há outros autores que me marcaram profundamente, como Robert Musil, que escreveu *O homem sem qualidades* (Musil, 1989). Esse é um livro monumental, com cerca de duas mil páginas, que ele nunca terminou de escrever. Mesmo assim, é uma obra que revela uma riqueza de detalhes e *insights* sobre a existência. E, claro, Kafka, com seu olhar único sobre as ansiedades modernas. Minha mente, após tantos anos, não consegue separar com clareza o que veio de quem, pois tudo foi reciclado inúmeras vezes em minhas reflexões. Mas é inegável que esses autores, especialmente Borges, condensam uma visão do mundo que considero indispensável – seja em uma ilha deserta, seja na vida cotidiana.

⁶ Trata-se do livro *Ficções*, especialmente do capítulo “O jardim dos caminhos que se bifurcam” (Borges, 1999).

Considerações finais

As reflexões apresentadas ao longo desta entrevista reafirmam a atualidade e a profundidade do pensamento de Zygmunt Bauman ao abordar as relações entre cultura, educação e as transformações sociais da modernidade líquida. No mundo que ele descreveu – móvel, fragmentado e incerto –, as estruturas sociais parecem perder o contorno que antes lhes conferia estabilidade, e a educação, que outrora foi guardiã de valores duradouros, se encontra convocada a reinventar-se diante da fluidez do presente.

Mas essa reinvenção, como Bauman recordava entre goles de chá e o aroma do pato que cozinhava ao fundo, não se dá por simples adaptação às exigências do mercado ou às lógicas da eficiência. Ela exige uma nova ética da formação: educar para a incerteza, sem desistir da esperança. Trata-se de preparar sujeitos capazes de agir em um mundo sem mapas prontos, mas ainda movidos por responsabilidade, solidariedade e imaginação moral – virtudes que ele reconhecia como raras, porém indispensáveis, em tempos líquidos.

Ao longo do diálogo, Bauman também nos conduz a refletir sobre o preço da mercantilização do conhecimento e sobre o perigo de reduzir a educação a uma mercadoria. O ensino que se curva apenas às demandas imediatas do mercado trai sua vocação emancipadora: em vez de abrir horizontes, os fecha. A educação, em seu sentido mais profundo, deveria ser um espaço de resistência – não contra o novo, mas contra a pressa, a homogeneização e o esquecimento de si. Nesse sentido, sua crítica ao enfraquecimento do Estado social permanece urgente. A retirada do Estado do campo da educação e das políticas de igualdade produz não apenas desigualdade material, mas uma perda simbólica: o esvaziamento da ideia de pertencimento comum. Bauman recordava que o verdadeiro liberalismo – o que ele via em Beveridge, e não no neoliberalismo contemporâneo – implicava garantir as condições mínimas para que cada sujeito pudesse, de fato, exercer sua liberdade. Sem essas condições, a liberdade se converte em privilégio.

Ao final da conversa, quando o cheiro do pato assado começava a invadir a sala, Bauman falou de Borges. Disse que o escolheria para levar a uma ilha deserta – não por fuga, mas por companhia. Borges, para ele, era o escritor que melhor compreendeu os labirintos da condição humana. Talvez por isso, pensar Bauman seja também entrar em um desses labirintos: o da modernidade líquida, em que o chão se move, mas o pensamento insiste em buscar forma.

Epílogo de Leeds (Figura 1). Encerrada a gravação, fomos à mesa. Antes do almoço, ele nos ofereceu um gin; em seguida, minha irmã ajudou a trazer as panelas para o centro da sala de jantar – Bauman, atento e afetuoso, alertou para que ela não queimasse a mão: a panela estava muito quente. Serviu vinho e, ao final, um licor doce. Perguntou, com delicadeza, se me importava que fumasse um cigarro. Conversamos ainda sobre uma de suas vindas ao Brasil, na década de 1970, e sobre sua passagem mais recente. Mostrou-nos um coco esculpido por indígenas, comprado naquela primeira visita, peça a que dera o nome bem-humorado de “cachaça”. Esse pequeno inventário de gestos – o cuidado com as mãos, a oferta do licor, a lembrança do Brasil no objeto – devolve o pensador à sua escala humana e, por isso mesmo, fortalece o alcance de suas ideias: em Bauman, teoria e vida nunca estiveram em lados opostos. Encerrar esta entrevista é, portanto, menos concluir e mais abrir uma continuidade. Em cada resposta, Bauman parece convidar o leitor a retomar a pergunta, a não se acomodar na certeza. Tal como Borges diante de seus espelhos, ele nos convoca a pensar o reflexo do mundo e o reflexo de nós mesmos – e a reconhecer que, mesmo em tempos líquidos, o diálogo ainda é uma das formas mais sólidas de esperança.

Figura 1 – Registros fotográficos do encontro – Leeds, Reino Unido, 15/11/2015



Fonte: Acervo do autor, 2015.



Referências

ALEXANDER, J. C. **Sociologia Cultural: Teoria, Performance, Política**. Organização: Frédéric Vandenberghe, Raquel Weiss e Lucas Faial Soneghet. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2023.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Z.; TESTER, K. **Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BECK, U. **O Deus de cada um: a capacidade das religiões de promover a paz e o seu potencial de violência**. Tradução: André Carone. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

BORGES, J. L. O jardim dos caminhos que se bifurcam. In: BORGES, J. L. **Ficções**. Tradução: Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1999. p. 89-101.

GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical**. Tradução: Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MUSIL, R. **O homem sem qualidades**. Tradução: Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RAMMSTEDT, O. **Georg Simmel**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.

Recebido em 09/02/2025

Versão corrigida recebida em 17/10/2025

Aceito em 18/10/2025

Publicado online em 05/11/2025